

# Entre a coroa e a espada

**LIVRO** Rejeição do cantor Roberto Carlos por parte da crítica musical especializada é tema da obra *Querem Acabar Comigo* do pesquisador Tito Guedes

Renato Queiroz  
renato.queiroz@opopular.com.br

**R**uim, brega, alienado e cafona. Não foram poucas as pauladas que Roberto Carlos, que completa 80 anos no próximo dia 19, recebeu ao longo de sua trajetória. Dono de hits eternos, Roberto conseguiu ser, ao mesmo tempo, o mais popular e o mais rejeitado dos artistas brasileiros. Par-

te dessa dicotomia é analisada a fundo pelo pesquisador Tito Guedes no recém-lançado livro *Querem Acabar Comigo*.

O subtítulo da obra - *Da Jovem Guarda ao Trono, a Trajetória de Roberto Carlos na Visão da Crítica Musical* - resume bem a intenção do jovem autor de 24 anos. "A pesquisa nasceu como um trabalho acadêmico. Respeitei o rigor de análise do material coletado com refle-

xões a partir de leituras de livros, artigos e entrevistas", explicou Tito, ao POPULAR. Ele garimpou centenas de resenhas sobre Roberto Carlos publicadas na imprensa desde os anos 1960 até hoje.

Muitas delas foram assinadas por jornalistas, escritores e críticos de prestígio, entre eles Sérgio Cabral, Flavio Marinho e Augusto de Campos. Apesar do sucesso de público e do fenô-

meno de vendas, Roberto nunca teve uma relação tranquila com a crítica musical. A maior parte do tempo ele foi visto como um cantor carola e acomodado. Em algumas críticas, o cantor é descrito como debiloide.

Ao longo de *Querem Acabar Comigo*, Tito Guedes mostra como preconceitos e tensões, além do embate entre a Jovem Guarda e a MPB, ajudam a explicar um pouco da má vontade da crítica musical com Roberto Carlos e mudança de postura dos críticos, quando o cantor é finalmente abraçado por figuras importantes da música como Caetano Veloso, Gal Costa e Elis Regina.



**Livro:** *Querem Acabar Comigo - Da Jovem Guarda ao Trono, a Trajetória de Roberto Carlos na Visão da Crítica Musical*  
**Editora:** Máquina de Livros  
**Preço:** R\$ 42,00 (impresso) e R\$ 28,90 (e-book)  
**Páginas:** 144

## Entrevista TITO GUEDES

# "Ele consegue ser popular e sofisticado"

O prefácio de *Querem Acabar Comigo* é assinado por Arthur Dapieve, professor, escritor e conceituado jornalista da área cultural. Para ele o livro, não é tanto sobre a carreira de Roberto Carlos - embora, naturalmente, ela seja indiretamente historiada a cada linha - e sim sobre o modo como os jornalistas especializados a comentaram ao longo dos anos. Ao POPULAR, Tito Guedes, que é formado em Estudos de Mídia pela Universidade Federal Fluminense, de Niterói (RJ), contou um pouco mais sobre o processo de pesquisa, a carreira de Roberto e os rumos da crítica musical. Confira trechos:

**Como nasceu a ideia de analisar a relação da crítica musical com Roberto Carlos?**

Partiu de uma constatação minha de que essa relação sempre foi muito singular. Existem artistas, por exemplo, que quase sempre tiveram a crítica ao seu lado, aplaudindo seus novos trabalhos. Outros foram totalmente ignorados ou execrados, como é o caso de cantores considerados "bregas", como Waldick Soriano. Roberto sempre ficou no limiar dessa situação. Embora ele tenha sofrido críticas predominantemente negativas ao longo dos anos, de meados da década de 1960 até final da de 1990, todos os seus discos mereceram destaque e análises aprofundadas. Ou seja: os críticos raramente embarcavam 100% nos discos do Roberto, mas os consideravam relevantes o suficiente para comentá-los anualmente.

**O que mais te surpreendeu no processo de pesquisa?**

Foi justamente perceber as oscilações do discurso da crítica em torno de Roberto, que o tratava ora como cantor sem valor algum, ora como grande intérprete, ora como o rei da música brasileira.

**Por que bateram tanto na obra dele?**

Os motivos variaram ao longo do tempo. Nos anos 1960, por exemplo, o motivo principal era a falta de uma abordagem politizada. Nesse período, a crítica compartilhava do ideal de que música popular deveria ser engajada com as questões sociais de seu tempo, e enxergava Roberto, então líder da Jovem Guarda, como um sujeito "alienado", que fazia música "americanizada". Já a partir dos anos 1980, a reclamação principal era de que Roberto era repetitivo: a crítica julgava seus álbuns anuais burocráticos, apontavam a repetição de uma fórmula e cobrava de Roberto uma ruptura estética em seu trabalho.

**No livro, você deixa claro que o discurso dos críticos diante da obra do Rei se transformou ao longo do tempo. Quais foram os fatores que provocaram essa mudança?**

O primeiro fator foram as próprias mudanças que Roberto Carlos operou em sua carreira. Por exemplo: quando ele saiu da Jovem Guarda e se consolidou como cantor romântico entre os anos 60 e 70, a crítica aprova essa mudança, por entender



Tito Mendes, autor de *Querem Acabar Comigo*, analisa a postura da crítica especializada ao longo da carreira do cantor

que ele estava disposto a trilhar um caminho mais "arrojado" e amadurecido. Ou seja: quanto mais ele se aproximava dos parâmetros avaliativos da crítica (que tinha como norte a MPB e a bossa nova), melhor pra ele. Mas há também transformações na própria crítica musical. Os jornalistas dos anos 90, por exemplo, fizeram um resgate dos seus discos iniciais da Jovem Guarda, que passam a ser considerados álbuns "clássicos", algo que não acontecia na época em que foram lançados. Nesse caso, o distanciamento histórico do período foi fundamental para essa nova leitura.

**Roberto nunca foi uma unanimidade entre o público e, principalmente, entre a crítica. Na sua opinião, o que faz dele uma figura tão singular na música do Brasil?**

Embora o senso comum tenha perpetuado a ideia de um Roberto estático, imóvel artisticamente, ele sempre soube transitar por diversas influências. De João Gilberto e Dolores Duran aos boleros mais populares dos anos 50 ou à música sertaneja. Em uma mesma música ele consegue ser ao mesmo tempo brega e chique, popular e sofisticado, clássico e moderno. Essa

**"Acredito que o Roberto seja o tipo de artista que se compromete e se preocupa muito mais com o seu público consumidor do que com a crítica especializada ou a intelectualidade"**

multiplicidade bagunça a cabeça de muita gente acostumada a se guiar por uma escuta dualista, que só permite "isto ou aquilo". É essa característica que o torna tão rico artisticamente.

**O enfraquecimento atual da crítica musical se deve, em parte, à crise da indústria fonográfica e à crise da imprensa em papel. De que forma seu livro dá a dimensão do tamanho e da importância que a crítica já teve nas duas indústrias?**

Só o fato de um livro como esse existir já mostra a importância da crítica musical nesses processos. A análise aprofundada desses textos revela como a crítica especializada tinha o poder de legitimar ou deslegitimar determinado álbum ou artista. E mais do que isso, uma importância para a construção da narrativa da nossa memória musical. Hoje esses textos são também registros históricos que nos ajudam a entender a forma como a música popular circulou no Brasil.

**Como foi a relação de Roberto Carlos com seus críticos ao longo da carreira?**

Ao menos dentro da minha análise, não registrei críticas de âmbito pessoal de nenhuma das partes. Acredito que o Roberto seja o tipo de artista que se compromete e se preocupa muito mais com o seu público consumidor do que com a crítica especializada ou a intelectualidade de forma geral.

Divulgação